

A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA OPERÁRIA DIANTE DA ABERTURA DOS NOVOS ARQUIVOS (A RESPEITO DOS ARQUIVOS DO KOMINTERN)

SERGE WOLIKOW

Tradução: Marina Wendel de Magalhães.

Para mim, este tema parece particularmente interessante por concentrar muitos dos problemas com os quais os historiadores do movimento operário e dos movimentos sociais atualmente se confrontam. Eu me contentarei em os lembrar antes de tratar mais precisamente de alguns deles. O ponto primordial parece ser, primeiramente, o estatuto e a concepção de história operária como história social. Essa questão foi esclarecida por Georges Haupt e merece hoje grande atenção. Abordo inicialmente esse aspecto, já que é ele que condiciona a ótica dos arquivos.

Há 20 anos, pelo menos na Europa, a questão que se colocava era, ainda, a constituição de uma história crítica e científica do movimento operário. Durante muito tempo essa história, ignorada e marginalizada pelas instituições universitárias, era, antes de tudo, uma história comemorativa e memorial mantida relativamente bem pelas organizações operárias, com o intuito de legitimar sua atividade, particularmente no enfoque das lutas internas que marcaram a sua revolução. Essa história, muito freqüentemente linear e centrada nos problemas de organizações e nos acontecimentos marcantes, tinha igualmente uma função, tanto pedagógica quanto identificadora. Nessa área, a historiografia comunista, marcada pelo despotismo estalinista, mostrou a eficácia e os perigos dessa trajetória.

Durante as décadas de 60 e de 70, inúmeros historiadores, entre os quais ingleses como Thompson, Hobsbawn ou Haupt e franceses como Maitron, Perrot e Prost quiseram, cada um a seu modo, afirmar a necessidade e a possibilidade de construir uma história crítica e científica do movimento operário aplicando os métodos e os princípios já elaborados

Serge Wolikow

em outras áreas da história. A história operária foi orientada então para o estudo das práticas, dos modos de vida, das formas de luta, considerando como secundários os debates ideológicos e até mesmo os propriamente políticos. Mas, ao mesmo tempo, pelo menos na França, as organizações operárias, políticas e sindicais, o Partido Comunista Francês, o Partido Socialista, a Confederação Geral do Trabalho, a Confederação Francesa Democrática do Trabalho e a Federação de Educação Nacional constituíam os organismos nos quais a ambição firmada era a de encorajar no próprio seio do seu movimento e em colaboração com universitários e com pesquisadores, uma produção histórica de um novo gênero.

Esse movimento duplo experimentou um certo número de êxitos, principalmente no final da década de 70 (história das greves, história da militância, estudo das áreas de concentração operária, etc.), mas se enfraqueceu progressivamente no decorrer da década de 80. A história social universitária cada vez mais se desinteressou pela história operária (em benefício do movimento feminista, de comportamentos...), ao mesmo tempo em que as organizações operárias tinham tendência a se envolver mais nas pesquisas sócio-econômicas. No momento em que as mudanças econômicas colocavam em questão a existência do mundo operário, a história não fazia sentido a não ser durante alguns momentos comemorativos.

No domínio da história geral, a história social, durante muito tempo identificada à da classe operária, dela então se separou, uma vez que a história política apresentava uma retomada de interesse suscitando inúmeros trabalhos que ignoravam completamente os movimentos sociais e o mundo do trabalho. Na França, a história das ideologias políticas do mundo operário tornou-se, em grande parte, o objeto dos especialistas em ciência política. Sua concepção e sua prática da história negligenciam bastante a história social e a história crítica em prol de uma aproximação bastante tradicional em termos de história das idéias políticas.

A relação entre história social, história operária e história política está, atualmente, dada. Há centros universitários e pesquisadores para os quais essa relação é fértil, mas eles são muito dispersos e não se pode dizer que haja, por enquanto, uma maneira coerente e compartilhada de

associar história operária, história social e história política. Logo, essa questão é essencial para esclarecer a atitude de uns e de outros com relação aos arquivos.

O interesse pelos arquivos e a maneira de os considerar estão estreitamente relacionados. Aparentemente, poderíamos pensar que o que se leva em consideração é, antes de tudo, a existência dos arquivos. De fato, os arquivos condicionam a história operária segundo sua natureza e sua acessibilidade. Os arquivos de história operária podem variar de maneira considerável. Eles geralmente são duais, posto que não se pode distinguir os arquivos públicos, externos às organizações operárias, dos arquivos privados, constituídos por elas. Se os primeiros sempre existiram, os segundos são freqüentemente muito mais fragmentados, por diversas razões relacionadas à repressão, à fraqueza das organizações, mas, também, às vezes, à sua falta de interesse. Esses arquivos, no entanto, são em geral muito ricos e sobretudo matizam e reequilibram as informações fornecidas pelos arquivos públicos, especialmente os policiais. Portanto, é certo que a existência desses arquivos - não apenas sua conservação, mas também sua constituição - depende muito do papel da história no âmago das organizações operárias. Na minha opinião, não se pode ter êxito sem uma certa mobilização interna à organização. É necessário, particularmente, colocar em prática formas de cooperação entre pesquisadores, militantes e responsáveis pelas organizações e pelos centros universitários para vigiar hoje a constituição e a conservação dos arquivos. Esse aspecto do problema diz respeito principalmente aos arquivos mais contemporâneos, os atuais, mas também pode se referir, às vezes, aos de períodos mais antigos, pois hoje é possível recuperar e salvar arquivos cinquentenários. Grandes instituições, como o Instituto de Amsterdã, desempenham e desempenham um papel essencial nesse aspecto em relação a todo o movimento operário europeu. Gostaria de lembrar uma experiência local que desenvolvo com minha universidade em uma região francesa, a Borgogne, onde a história do movimento operário foi negligenciada especialmente pela falta de arquivos. Tendo criado uma associação reagrupando militantes de todas as organizações operárias e de diversos movimentos associativos, pudemos organizar as bases dos arquivos que possibilitam a publicação de trabalhos sobre os movimentos

Serge Wolikow

grevistas, a militância contra as guerras coloniais, a resistência durante a ocupação alemã, etc. Acontece que esses arquivos são muito heterogêneos e descontínuos: eles sugerem uma colaboração estreita entre militantes e historiadores. Esses arquivos vivos, às vezes completados por fontes orais, sugerem um modo de trabalho original próprio da história atual, que apresenta dificuldades particulares quando se trata do mundo operário e não de elites políticas e econômicas: estas se sentem em pé de igualdade com os pesquisadores, enquanto os militantes, freqüentemente, ficam constrangidos no meio dos pesquisadores, cujo saber os impressiona.

Se a natureza e a existência dos arquivos condicionam a história operária, ela, por sua vez, "inventa" os arquivos e não somente os arquivos modernos. É ela que lhes dá sentido, explorando-os dessa ou daquela maneira, lendo-os segundo uma grade que não é simplesmente deduzida da estrutura dos próprios arquivos, mesmo que esta seja bem completa. O caso que me parece ser o mais ilustrativo desse fenômeno, freqüentemente negligenciado pelos historiadores do movimento operário, é o dos arquivos do Komintern, que se tornaram acessíveis somente há alguns anos e que, portanto, relaciona-se com um período do qual as testemunhas são bastante raras. Aparentemente, esses arquivos, de agora em diante abertos, escondem uma verdade que o historiador, tal qual um explorador, não tem o que fazer a não ser desvendá-la. De fato, o processo é muito menos linear e unilateral, pois à coerência ideológica complexa que estruturou esses arquivos respondem os pontos de vista e a expectativa dos historiadores que os investigam segundo problemáticas a tal ponto diferentes que podem conduzir, pelo menos num primeiro momento, a apreciações diametralmente opostas às que se apresentam. Permito-me, então, deter-me mais longamente sobre esse ponto.

A abertura dos arquivos do Komintern, do mesmo modo que os outros arquivos conservados na Rússia, constitui um acontecimento do qual se mede melhor o valor político do que o científico. Essa abertura suscitou um enorme interesse seguido por uma grande divulgação na mídia que não acabou. A abundante produção jornalística consagrada aos arquivos da Internacional Comunista pode ser vista como uma retomada do interesse pela história. Ela é mais seguramente a expressão



Cartaz de autoria do gravurista Jules Grandjouan (1875-1968), editado pelo Partido Comunista Francês, s.d. (no AEL, Fundo Astrojildo Pereira, cartaz AP/02). Banco de Imagens/AEL/UNICAMP.

Serge Wolikow

de uma forte suscetibilidade da mídia por tudo que está ligado ao desmoronamento dos sistemas políticos comunistas. Quanto a isso, nada de espantoso, haja vista a natureza desses arquivos. Para que a dimensão ideológica do acontecimento não esconda sua ressonância científica é conveniente isolar os dois registros, a fim não de os separar radicalmente, o que é impossível, mas de os diferenciar o suficiente para listar os problemas que eles apresentam.

É por isso que é necessário ultrapassar ou, pelo menos, relativizar certas declarações retumbantes combinadas com revelações espalhadas pela imprensa internacional ou francesa. Veicular este ou aquele documento apresentado como um prova ou uma resposta às interrogações dos historiadores ou anunciar a revisão geral de todos os trabalhos consagrados à história do comunismo são objetivos cujo caráter primordial não serve para a pesquisa histórica, a qual não pode ser conduzida explorando também a curiosidade legítima de todos aqueles que, ainda hoje, consideram que a história do comunismo mantém uma identidade estreita com a da esquerda. A ressonância atual da abertura desses arquivos confirma bem a dimensão política do acontecimento, sobre cuja dimensão é necessário refletir rapidamente para, em seguida, distinguir melhor as possibilidades abertas ao estudo histórico.

As condições políticas nas quais esses arquivos se tornaram acessíveis esboçaram um contexto que persiste atualmente. O processo de abertura, timidamente detonado no final da década de 80, foi vigorosamente acelerado em 1991, ao sabor dos acontecimentos políticos. A retenção desses arquivos estava ligada à ideologia que alicerçava o poder soviético. A história do comunismo era constitutiva de sua legitimidade. Obrigatoriamente oficial, estava também associada às tentativas de perpetuação das reformas. O fim da URSS e a destruição do sistema soviético baseado na onipotência do partido ocasionaram, de um só golpe, a mudança da natureza dos arquivos do Komintern, pelo menos para os russos. Então, mesmo que os arquivos do Estado soviético, sobretudo aqueles de seus organismos de repressão, como o NKVD, dificilmente fossem abertos, os do Partido Comunista Russo, do Komintern e, em menor número, os do Kominform tornar-se-iam

acessíveis aos pesquisadores russos e estrangeiros. Também por razões essencialmente políticas, alguns arquivos foram amplamente abertos, enquanto outros continuaram com um acesso realmente difícil. No primeiro caso, era necessário marcar a ruptura, enquanto no segundo se tratava de administrar, se não de reivindicar, a continuidade do Estado.

COMO ESTA ABERTURA FOI RECEBIDA PELOS HISTORIADORES?

As condições resultantes dessa abertura favoreceram, ligeiramente, aqui ou acolá, diversos empreendimentos ideológicos ou mercantis visando a obter exclusividade na publicação ou, pelo menos, na consulta dos arquivos cuja utilização política pudesse ser reativada de acordo com as diferentes configurações nacionais... Mas, essencialmente e não sem dificuldades, as instituições científicas russas tiveram êxito em preservar e desenvolver a consulta desses arquivos apoiando-se na colaboração de diversos pesquisadores e instituições científicas estrangeiras. Atualmente, diversos projetos de cooperação, envolvendo principalmente os historiadores franceses, estão sendo realizados (colóquio internacional em Moscou, dicionário dos membros do Komintern, etc.).

COMO AVALIAR A IMPORTÂNCIA CIENTÍFICA DESSES ARQUIVOS?

É difícil apresentar um parecer equilibrado, pois os diferentes historiadores que trabalham com esses arquivos ainda não puderam cotejar seus pontos de vista sobre os problemas apresentados por sua investigação científica e as novas linhas de pesquisa que eles puderam abrir. Por enquanto, não posso apresentar mais do que um ponto de vista baseado no meu trabalho e no trabalho do meu centro de pesquisa.

Parece-me que, num primeiro momento, a dimensão científica não aparece na sua especificidade face ao entusiasmo bem compreensível dos historiadores, russos ou não, descobrindo a massa imponente dos arquivos aos quais eles não tinham acesso. Ainda mais que não se tratava de uma descoberta com o mesmo sentido que teve a de Colombo ao descobrir a América acreditando chegar às Índias! Os historiadores tinham, em

Serge Wolikow

inúmeros países, começado a estudar a história do comunismo, do seu nascimento até a II Guerra Mundial. Falo disso com conhecimento de causa, pois estudei as relações entre o PCF e a Internacional Comunista durante as décadas de 20 e de 30, apoiando-me nos arquivos da Seção Francesa da IC recuperados pelo PCF, do fim dos anos 70 ao início dos anos 80. Arquivos fragmentados, especialmente os de determinados dirigentes do partido bolchevique ou do Komintern, como Trotski ou Humbert-Droz, originaram, da mesma maneira, diversos trabalhos científicos importantes. Lembremos que, por volta da metade da década de 60, uma primeira liberação permitiu a publicação de alguns documentos do Partido Comunista da União Soviética e do Komintern em revistas de história soviéticas. Esse movimento, interrompido durante 20 anos, voltou com muito mais amplitude no final da década de 80, no tempo da Perestroika. Os arquivos do Komintern estavam, portanto, à espera dos historiadores especializados no movimento comunista mesmo que eles não tivessem tido jamais conhecimento direto da sua abrangência.

UMA AVALIAÇÃO LENTA

Um conjunto de arquivos tal como o do Komintern assemelha-se a um imenso sítio arqueológico onde é possível escavar de muitos modos diferentes. Uma exploração rápida e objetiva procurando objetos raros e documentos únicos corre o risco de negligenciar os fundamentos e os vestígios mais típicos, mas considerados banais por serem muito numerosos. Na prática, isso acontece por causa da vasta documentação dos diferentes partidos comunistas, dos organismos centrais do Komintern ou de diversas organizações associativas, sindicais, esportivas, humanitárias, culturais, etc. Os arquivos do Komintern fornecem aos historiadores uma fonte enorme de informações, mas seria ilusório acreditar que estas sejam de fácil acesso. De fato, trata-se, freqüentemente, de longos relatos elaborados por diferentes organismos, das discussões que se seguem, da correspondência entre seções nacionais e o centro, de múltiplos documentos de trabalho preparatório aos resumos ou às tomadas de decisão dos órgãos de direção. Nessas condições, avaliar e pesquisar

as informações que toda essa documentação encerra implica um trabalho considerável se se desejar evitar a abordagem superficial, que resulta do isolamento de alguns documentos julgados apenas interessantes por estarem ligados a decisões importantes, enquanto outros, cuja massa é muito mais importante, são negligenciados por exigirem uma análise longa e paciente.

COMO CARACTERIZAR A ORIGINALIDADE E A IMPORTÂNCIA DESSES ARQUIVOS?

Minha resposta é dupla: esses arquivos oferecem a possibilidade de um desenvolvimento sem precedentes na história do comunismo, mas também representam uma provação da história política contemporânea. A partir de agora, historiadores de diversas nacionalidades começam a estudar esses arquivos em continuação a pesquisas em que já estavam engajados. A amplitude e a diversidade da documentação permitem iniciar pesquisas até então praticamente impossíveis: por exemplo, sobre a elaboração das orientações políticas e até mesmo a tomada de determinadas decisões - mas sobre esse ponto seria necessário ter também acesso aos arquivos do Estado soviético, especialmente aos da sua diplomacia, o que é ainda bastante difícil.

Atualmente, é possível também trabalhar com o pessoal militante, das equipes de diferentes organizações internacionais, graças aos dossiês biográficos - é o objetivo de um projeto como o do dicionário dos membros do Komintern - ou ainda projetar estudos comparativos sobre os diferentes partidos comunistas europeus. Conclui-se que a própria massa dos arquivos e sua heterogeneidade provocam inúmeros problemas científicos. Eu lembraria alguns a título de exemplo. A documentação é muito pesada, pois é frequentemente constituída por um número grande de versões de textos oficiais, textos intermediários, versões reformadas, esboços, etc. Nesse caso, a exploração desses documentos implica um conhecimento preciso dos textos impressos e publicados na vasta imprensa do Komintern. Existem mesmo discussões cujos estenogramas, muito preciosos, fornecem o conteúdo, mas cuja decodificação se tornou complexa pela

Serge Wolikow

estalinização de toda organização a partir de 1929. A correspondência trocada entre o centro moscovita e as seções ou organizações nacionais é enorme, mas só é utilizável com um cruzamento com outros documentos, etc. Enfim, os laços crescentes, mas sempre opacos, da documentação do Komintern com a política do Estado soviético e sua direção tornam aleatória a pesquisa de determinados motivos finais de uma decisão ou de uma tendência tática, na ausência dos arquivos do Estado e de seus diferentes serviços.

Com esses arquivos, os historiadores do movimento operário têm a possibilidade de concentrar as pesquisas na atividade política, naquilo que lhes diz respeito. A riqueza desses arquivos lhes impõe, tanto no plano metodológico quanto no teórico, um esforço de rigor e de ambição científica. Existe a possibilidade de ser desenvolvido um trabalho histórico que integre as problemáticas da história social, da análise do discurso, do estudo das representações ou da biografia coletiva. Essas problemáticas são exigentes em termos do trabalho e da investigação e me parecem mais frutíferas do que as tentativas centradas exclusivamente na exploração rápida deste ou daquele documento considerado frágil em relação aos debates ideológicos ou políticos contemporâneos. Obviamente, pode-se esperar saber mais sobre decisões importantes do Komintern ou de suas seções, seja ela concernente à questão alemã, espanhola ou francesa, a propósito da Frente Popular ou do pacto germano-soviético. Nenhum historiador desdenha esse aspecto das coisas, mas no plano científico parece-me que estes arquivos são muito mais do que simples documentos complementares. Eles podem fornecer material a pesquisas muito mais amplas, que permitam, principalmente, refletir a respeito da coerência e das contradições da cultura política do Komintern. Ou seja, eles podem ajudar a esclarecer todo um pedaço da história internacional das organizações operárias, cujas estruturas fixadas nas décadas de 20 e 30 perduraram pelo menos até os anos 60.

Gostaria de encerrar com três observações a respeito da interpelação dos historiadores pelos arquivos novamente constituídos ou acessíveis.

- Esses arquivos, pela sua abundância, riqueza e diversidade estimulam a reflexão historiográfica: arquivos para qual história? Qual é a especificidade da história operária nos limites da história social e da história política? Como a história do movimento operário pode se articular com a das relações internacionais, de um lado, a sociologia e a antropologia, de outro? Enfim, os arquivos sobre o movimento operário colocam, nas condições presentes, a questão da trajetória teleológica. No momento em que as ideologias políticas do movimento operário são postas em foco, existe o risco de uma nova história linear e estreitamente evolucionista, dominada atualmente pela pesquisa das fontes originais dos fracassos contemporâneos, sendo que ele, ontem, estava dominado pela vontade de demarcar as etapas de um movimento irresistivelmente triunfante!
- A diversidade dos arquivos conservados em Moscou é tal que faz aparecer claramente a heterogeneidade dos arquivos ditos operários. Eles são cronológica, geográfica e estruturalmente diferentes. Quanta diferença entre os papéis de Blanqui, as atas de sessão do secretariado do Komintern, os dossiês biográficos dos voluntários das Brigadas Internacionais ou a correspondência de uma seção nacional do Socorro Vermelho! O único ponto em comum, essencial, é sua acessibilidade súbita e massiva... Uma reflexão tipológica faz-se necessária, a qual incorporará igualmente o cuidado de refletir as ligações entre as diferentes formas de fontes ("externas": impressas e publicadas - imprensa, brochura, livros, relatos -, e "internas": discussões e debates nas organizações, transmissão de decisões, avaliação de atividades, correspondência privada, etc.).
- A terceira questão refere-se às conseqüências sobre os trabalhos históricos da abertura de um novo campo de arquivos como o do Komintern. Por sua amplitude e diversidade, eles oferecem a possibilidade de um desenvolvimento sem precedentes na história do comunismo. Mas isso torna caducas as pesquisas anteriores? Pode-se dessa maneira anunciar categoricamente, e sem inventário, a revisão geral de toda a história do comunismo internacional tal qual ela foi escrita até agora? Essa irrupção dos arquivos desacredita

Serge Wolikow

definitivamente as outras fontes documentais até aqui utilizadas pelos historiadores, como a imprensa e toda a literatura militante?

Do contrário, como os combinar?

Essas observações em forma de questões indicam a amplitude do trabalho historiográfico e epistemológico necessário a todos os pesquisadores que estudam o movimento operário. A extensa reflexão sobre as diferentes épocas e formas do movimento operário torna-se urgente não somente para integrar de maneira satisfatória os arquivos disponíveis, mas também para tentar pensar como as transformações contemporâneas do mundo operário se inserem nas evoluções sociais, políticas e culturais globais.